

ARQUIVO CINI-MT

Fonte: Folha de Estado

Data: 23/07/1988

Pag. 14

# Continua tensão na divisa de Mato Grosso com Pará

ÍNDIOS CAIAPÓS MANTÊM REFÊNS DESDE TERÇA-FEIRA

NEUMANN RIBAS

Reportagem Local

A situação continua tensa na região denominada de Baú, na divisa entre Mato Grosso e Pará, onde cerca de 180 índios da tribo caiapó fazem dois refêns, próximo ao município de Novo Progresso (PA). Um deles é o funcionário da Mineradora Tamim, Lindolfo Ferreira, além de Luiz Carlos Sampaio, representante da Funai na região. Os refêns estão sendo mantidos desde terça-feira e os índios exigem a presença do presidente da Funai na região.

Os líderes caiapós exigem que seja feita a demarcação da área indígena, que ao longo dos anos vem sendo invadida por colonizadores e mineradores, já que é rica em ouro e mogno.

Os caiapós alegam ter perdido 40% de sua reserva, em decorrência da invasão do território que ocasiona desmatamentos de longas extensões. Os índios cobram a definição imediata da demarcação, prometida há cinco anos. A indefinição quanto à inclusão de um dos rios limites na área a ser demarcada também é um ponto que vem preocupando os caiapós.

Eles vêm utilizando os dois aviões que estão na aldeia para trazer índios de outras tribos para engrossar a pressão ao governo. Prova disso é que os aviões estão fazendo várias viagens diárias transportando índios das várias aldeias que integram a nação caiapó, com cerca de 16 mil índios. Alguns caciques ameaçam radicalizar o protesto, ateando fogo nas aeronaves.

A aldeia encontra-se em uma região muito isolada, onde só é possível o acesso por avião. Tanto que o funcionário da mineradora foi retido quando chegava ao local com mantimentos e 2 mil reais em dinheiro para os índios. Apesar de não confirmarem, os índios não escondem o fato de que a Mineradora Tamim vinha mensalmente contribuindo com quantias regulares de dinheiro para a tribo, em troca da exploração da área. Mas os índios teriam cansado da situação e agora estariam exigindo a demarcação da área para evitar sua devastação.

Em Cuiabá a reportagem da Folha procurou a sede da Mineradora Tamim, localizada na Rua Polônia, 145, no bairro Santa Rosa. Nenhum dos três funcionários quis se identificar, alegando que quem pode se pronunciar sobre os fatos é o dono da empresa, cujo nome não foi fornecido. Disseram que ela pertence a vários sócios e que eles iriam decidir quem falaria sobre o assunto à imprensa. Irônicos, ressaltaram que o que sabem sobre o caso é o que está na imprensa. Num pequeno deslize, asseguraram que aguardavam para ontem mesmo a solução sobre a liberação do funcionário mantido como refém pelos caiapós.